



Indicadores das Exportações Brasileiras de Soja em Grão

Indicators of Brazilian Exports of Soy in Grain

Mariana Marçal de Avelar¹
Sílvia Parreira Tannus²

Nas últimas décadas, o Brasil apresentou um crescimento expressivo nas exportações de soja em grão, destacando-se no mercado internacional como o principal fornecedor dessa oleaginosa no mundo. Esse cenário exerce grande influência sobre o PIB nacional, dado que esse grão é o principal produto exportado pelo país desde 2015. Com base nesse cenário, investigou-se por meio deste trabalho como se deu o desempenho dessas exportações, entre 2000 e 2019, com o intuito de saber se o país se apresentou competitivo, nesse segmento, em termos de comércio mundial. Para atingir o objetivo proposto na realização desta pesquisa, alguns indicadores como *Market Share*, Índice de Vantagem Comparativa Reveladas (IVCR) e Índice de Contribuição ao Saldo (ICS) foram utilizados para a avaliação dos dados levantados. Os resultados obtidos foram favoráveis e mostraram que o Brasil se situa em uma posição de relevância frente aos seus concorrentes.

Palavras-chave: competitividade, *Market Share*, IVCR, contribuição ao saldo comercial

Abstract

In recent decades, Brazil has shown an expressive growth in soybean exports, standing out in the international market as the main supplier of this oilseed in the world. This scenario has a great influence on the national GDP, as this grain is the main product exported by the country since 2015. Based on this scenario, this study investigated how the performance of these exports took place, between 2000 and 2019, with the aim of finding out if the country presented itself as competitive, in this segment, in terms of world trade. To achieve the objective proposed in this research, some indicators such as Market Share, Revealed Comparative Advantage Index (IVCR) and Balance Contribution Index (ICS) were used to assess the data collected. The results obtained were favorable and showed that Brazil is in a relevant position compared to its competitors.

Keywords: competitiveness; soybean; *Market Share*; IVCR; Balance Contribution Index

Cite as: (APA) Marçal de Avelar, M., & Parreira Tannus, S. (2022). Indicadores das Exportações Brasileiras de Soja em Grão. *Revista Competitividade e Sustentabilidade*, 9(1), 44-53.

¹ Universidade Federal de Catalão - UFCAT. Brasil. E-mail: mariana.m.avelar@gmail.com

² Universidade Federal de Catalão - UFCAT. E-mail: silviaparreira@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Segundo o Cepea (2020), as exportações do setor do agronegócio brasileiro traçaram uma trajetória de crescimento vantajosa, a qual contribuiu significativamente para o aumento do saldo comercial, correspondendo a mais de 20% do PIB. De acordo com dados mais recentes do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), entre as grandes culturas de grãos, a soja é a principal responsável por esse desempenho e liderou as exportações do agronegócio, com um percentual de 30%, em média, na última década. Segundo o Ministério da Economia (Brasil, 2020), em 2019, 47,5% de toda a safra de grãos produzida no país foi dessa oleaginosa (CONAB, 2019), e dos US\$ 224 bilhões de todo capital gerado, 8,7% foi arrecadado por meio de sua exportação.

O termo “complexo de soja” faz referência à ampla cadeia agroindustrial que se movimenta a partir desse produto, uma vez que aproximadamente 90% da colheita dos grãos é destinada à indústria esmagadora, que os transforma em farelo e óleo, seus principais insumos. Observou-se, em mais de 15 estados brasileiros, que a produção dessa oleaginosa apresentou, nos últimos 20 anos, um crescimento de 270%, indo de 32,3 para 119,7 milhões de toneladas. Notou-se, ainda, o aumento de produtividade e de área, 13,5 milhões de hectares, no início do século XXI, para 35,9 milhões, em 2019 (CONAB, 2020)

A relevância da cadeia produtiva de soja para o país é comprovada pelo seu papel social e econômico, correspondendo a mais de 3,7 milhões de postos de trabalho (Montoya, et. al. 2019). Ao mesmo tempo em que atende ao consumo doméstico com êxito, exporta mais de 50% da sua produção total de grãos. Dos 337,3 milhões de toneladas de soja produzidos no mundo, em 2020, o Brasil respondeu por 37% da produção mundial seguido pelos Estados Unidos da América e pela Argentina em segundo e terceiro lugar, respectivamente. De acordo com o *United States Department of Agriculture* (USDA, 2020), esses países juntamente com o Brasil detêm mais de 80% da produção mundial e mais de 87% das exportações do grão.

Várias transformações no país influenciaram esse panorama, sobretudo a Lei Complementar nº 87/1996, conhecida como Lei Kandir de 1996, que determinou a desoneração do ICMS sobre os produtos primários e semielaborados, de modo a alavancar a exportação do grão *in natura* por parte do Brasil (Hirakuri & Lazzarotto, 2014).

As perspectivas futuras em relação à comercialização da soja brasileira são bastante otimistas. Um estudo realizado pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP, 2020) aponta, para a safra de 2028/2029, uma produção de 165,9 milhões de toneladas e um incremento na quantidade líquida exportada em torno de 49,8%. A partir dessas premissas, este estudo objetivou avaliar a competitividade da soja em grão no mercado internacional, no período de 2000 a 2019, por meio de um conjunto de indicadores de desempenho, observando o comportamento da comercialização dessa oleaginosa. Tal análise mostra-se fundamental para formulação de políticas públicas, subsidiar decisões, aperfeiçoar as estratégias de mercado, além de embasar negociações de ordem internacional.

Breve panorama da soja em grão no comércio mundial

Durante séculos, a soja esteve restrita aos países do oriente e seu cultivo, a partir de 1930, foi historicamente um fenômeno (Câmara, 2015). Mundialmente, ela é a principal leguminosa em termos de plantio anual e o quarto grão mais consumido e produzido. De fato, essa consolidação se deu ao longo das últimas três décadas, motivada pelos atributos homogêneos e pela sua alta liquidez, fatores que possibilitaram a sua cotação na bolsa de valores. A soja é a fonte mais barata de proteína do mundo e os subprodutos do seu esmagamento – óleo e farelo – são insumos de uma ampla agroindústria. Esse último é fundamental para a elaboração de rações animais, e o óleo se destaca na culinária além de desempenhar importante papel como matéria-prima na produção de biocombustíveis, ficando atrás apenas do óleo de palma (EMBRAPA, 2014)

Sabe-se que fatores, como oferta de tecnologias, mecanização das lavouras e aplicação de pesquisas contribuíram para o desenvolvimento da cultura sojícola ampliando a área de plantio e

aumentando a produtividade. Em 2018, o Comitê Estratégico Soja Brasil (CESB), baseando-se nos dados da USDA, mostrou que o crescimento da área global de plantio de soja entre os anos agrícolas de 2006/2007 e de 2017/2018 foi da ordem de 33,5%, sendo superior ao do milho e ao do trigo. Outro aspecto peculiar foi a produção mundial acrescida em 7,7 vezes, obtendo 349,8 milhões de toneladas em 2017, ante 40 milhões de toneladas em 1970.

Por conseguinte, esses fatores foram impulsionados pelo aumento da demanda por proteína e por produtos processados, em um contexto caracterizado pela ampliação de diferentes mercados consumidores, visto que alguns países emergentes se tornaram destinos importantes das exportações mundiais da oleaginosa, em virtude do crescimento dessas economias e da elevação do poder de compra de seus mercados internos. A Tabela 1 corrobora com essa análise ao apresentar o percentual de incremento no volume importado da soja em grão mundial entre 2001 e 2018.

Tabela 1: Principais importadores mundiais de soja em grão.

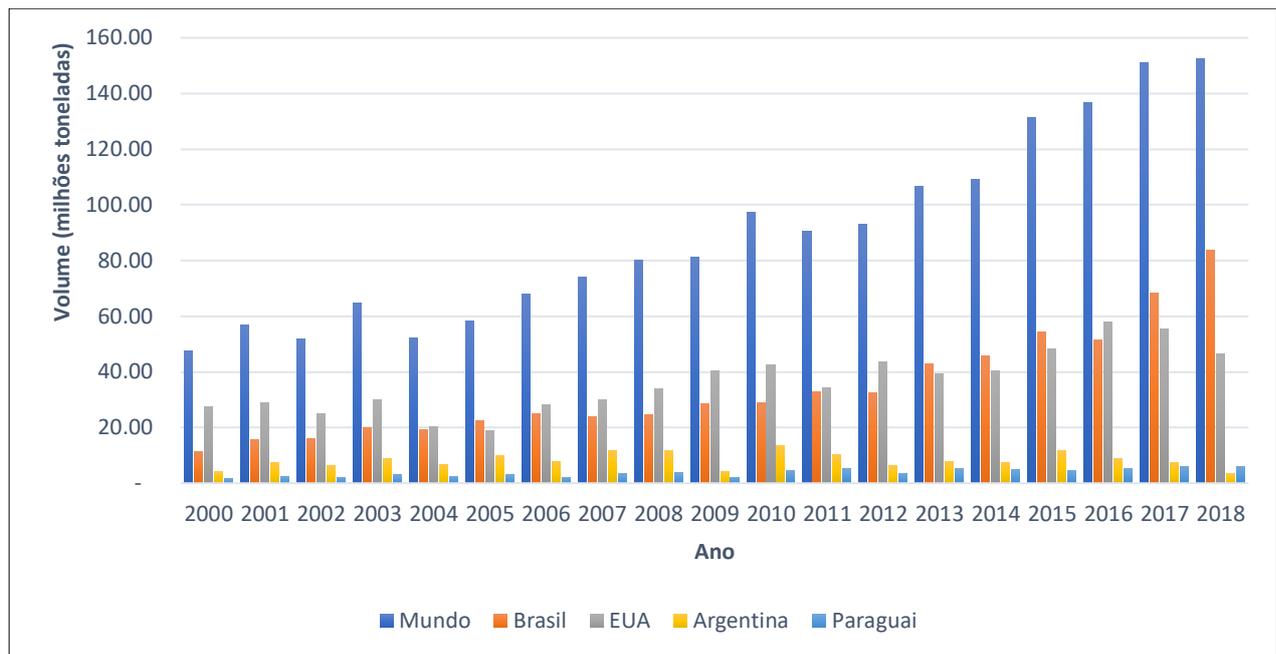
Importadores Mundiais	Volume Importado (milhões toneladas)		Perc entual %
	2001	2018	
China	13,9	88,1	534 %
União Europeia	20,3	17,1	-16%
Outros Países Emergentes	6,3	13,1	108 %
Total Mundial Importado	57,2	139,1	143 %

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados do UNComtrade (2020).

De acordo com os dados da Tabela 1, percebeu-se que os embarques, anteriormente feitos com mais frequência para a União Europeia (especialmente Irlanda, Países Baixos, Alemanha, Bélgica, Itália, Portugal e Espanha) passaram a ser direcionados com regularidade para a China, México, Turquia, Indonésia, Índia e Tailândia. No entanto, a partir de 2014, o ritmo das demandas desses países diminuiu; com exceção as da China, que teve um incremento de 534% no volume importado entre os anos 2001 e 2018.

Os principais provedores desse amplo comércio são, atualmente, o Brasil, como maior exportador, seguido dos EUA, Argentina e Paraguai. Tanto o Brasil como os EUA atendem majoritariamente à demanda externa de grão *in natura*, já a Argentina tem sua estratégia voltada para agregação de valor, colocando-se como a principal exportadora dos subprodutos derivados do esmagamento do grão – farelo e óleo – (Hirakuri & Lazzarotto, 2014). A Figura 1 intitulada “Exportações mundiais de soja em grão entre 2008 e 2018” demonstra o comportamento desses países ao longo daquele período em relação às exportações totais do mundo.

Figura 1 – Exportações mundiais de soja em grão entre 2008 e 2018 (milhões toneladas).



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados do USDA (2020)

Observando o gráfico, percebe-se que em dez anos, as exportações mundiais dobraram em volume, passando de 79,97, do ano agrícola de 2007/2008, para 152,39 milhões de toneladas exportados em 2017/2018. Nota-se que as divisas foram de 35,13 para 60 bilhões de dólares de 2008 a 2018 (UNComtrade, 2020). A análise gráfica também evidencia, a partir de 2013, o incremento dos embarques brasileiros frente aos americanos. Em suma, o efeito cambial foi o grande motivador de tal mudança, na medida em que a desvalorização do real em relação ao dólar tornou o preço da *commodity* mais atraente fora do Brasil, contribuindo assim para o aumento dos volumes destinados ao mercado externo.

Verificou-se que o consumo mundial do grão de soja, entre 2005 e 2019, passou de 204,7 para 353,6 milhões de toneladas, sendo os incrementos da Argentina, Brasil, China e EUA de 66,7%, 44,6%, 178,8% e 16,3%, respectivamente (EMBRAPA, 2018). Encontrou-se também que o consumo de soja da China é 6,5 vezes maior que a sua produção (Hirakuri & Lazzarotto, 2014). Dessa forma, constatou-se que seu projeto econômico se baseia na terceirização da produção, priorizando, internamente, a indústria de esmagamento da soja importada, tornando-a dependente dos países exportadores dessa leguminosa.

Examinando o comércio exterior do Brasil, nesse segmento, notou-se que os destinos dos volumes exportados pelo país sofreram uma reorientação, dado que outros mercados, principalmente da Ásia, passaram a apresentar uma demanda maior. No início dos anos 2000, além do Japão, a União Europeia, abrangendo Alemanha, Países Baixos, Espanha, Itália, eram os principais clientes do Brasil. No entanto, ao longo da realização deste trabalho, percebeu-se que outros países emergentes – nossos compradores – favorecidos pelos seus desenvolvimentos econômicos, incrementaram os seus embarques de soja superando a UE e Japão. Entre esses países estão a Rússia, Turquia, Tailândia, China e outros países da Ásia.

De fato, com a entrada da China na Organização Mundial de Comércio (OMC), em 2001, ela se tornou uma forte parceira do Brasil. A partir de 2003, as exportações em grão demonstraram um aumento incomum, os números por si só confirmam esse incremento. Em 2004, a China importou 5,6 milhões de toneladas do Brasil, já em 2019 foram 57,7 milhões de toneladas, tornando esse país o principal destino da *commodity*. Atribui-se esse panorama à sua posição de líder no consumo de carnes, sobretudo, suína e avícola (UNComtrade, 2020) sendo a soja o principal sustento alimentar de

seus animais.

Além da demanda mundial, outros aspectos concorreram para o avanço das exportações brasileiras de soja em grão, como as barreiras chinesas à importação dos derivados de soja, a Lei Kandir, a qual movimentou o mercado externo, os fatores climáticos e territoriais do país, que favorecem grandes safras, como as excepcionais de 2014/2015 e de 2017/2018, o aumento da renda per capita de alguns países clientes e a falta de ampliação das negociações referentes às exportações dos produtos de maior valor agregado – óleo e farelo. Em síntese, o resultado dessa conjunção de fatores fortaleceu a pauta agrícola do Brasil, na qual a soja atua como principal produto exportado desde 2015 (ABRACOMEX, 2020).

NOTAS METODOLÓGICAS

Competitividade

Por meio deste estudo, objetivou-se avaliar a competitividade do Brasil em relação às exportações de soja em grão *in natura*. Jank e Nassar (2000, p. 140) descrevem competitividade como a “capacidade sustentável de sobreviver e, de preferência, crescer nos mercados correntes ou em novos mercados”. De fato, é essencial compreender os principais agentes promotores de competitividade que, diante da reestruturação produtiva global em termos econômicos e concorrenciais, permitem alcançar um bom posicionamento no mercado.

A abordagem em torno do termo competitividade revela dois enfoques principais. O primeiro deles está relacionado à noção de eficiência (competitividade potencial), já o segundo prioriza aspectos do desempenho (competitividade revelada) de uma dada nação, setor ou firma. Partindo dessa premissa, a metodologia aplicada neste trabalho é voltada para aplicação de modelos analíticos que permitem avaliar a competitividade por desempenho. Esse conceito é denominado *ex-post*, visto que a análise dos resultados traduz uma competitividade revelada segundo dados anteriores (Ferrazet. Al. 1995)

Nesse sentido, adotaram-se três indicadores como ferramentas de estudo da competitividade das exportações brasileiras de soja frente ao mercado internacional, no período de 2000 a 2019, sendo eles: *Market Share* – corresponde à participação do produto de um país no comércio internacional –, Índice de Vantagem Comparativa Revelada (IVCR) – analisa o produto em relação às exportações totais do país de origem e do mundo. Esses dois indicadores na visão de Zemolin (2013, p. 72) “têm o objetivo de avaliar o desempenho pela capacidade de conquistar e manter uma participação relevante no mercado”. Por fim, utilizou-se o Índice de Contribuição ao Saldo, que corrobora o IVCR baseando-se nos saldos comerciais. Para fins de análise dos resultados, adotou-se o método descritivo.

Market Share (MS)

Segundo Figueiredo et al. (2004), estudos que se baseiam em modelos de *Market Share* permitem a decomposição das tendências de crescimento das exportações e/ou importações, de acordo com a participação de um país ou região no fluxo mundial ou regional de comércio. Esse modelo, idealizado por Tyszynski (1951), permite analisar o comportamento do país ao longo do tempo e identificar se o mesmo foi competitivo em termos de fatia de mercado mundial. Sua fórmula mais simples para fins de cálculo é definida de acordo com a Eq. (1) abaixo:

$$MS = \frac{X_{ik}}{X_i} \times 100 \quad (1)$$

Em que, X_{ik} representa o valor das exportações do produto i pela região k , e X_i corresponde ao valor das exportações totais mundiais do produto i . Sua relevância nos estudos de análise das parcelas de mercado torna possível constatar o nível de competitividade assim como seu progresso, de modo a definir a especialização produtiva de um país (Caldarelli et al., 2009)

Índice e Vantagem Comparativa Revelada (IVCR)

A investigação do IVCR é de suma importância para a realização das análises de competitividade, por possibilitar uma visão de estrutura relativa entre as exportações de um produto de um país e as exportações totais mundiais revelando, desse modo, se o país apresenta uma posição sólida nesse mercado. Esse índice foi criado por Bela Balassa no ano de 1965, com o objetivo de se conhecer as vantagens reveladas, em termos de padrões de comércio, com foco na pauta de exportações, ao julgar que o comércio exterior mostra as vantagens comparativas de um país. Seu cálculo é efetuado pela Eq. (2) abaixo:

$$IVCR_i = \frac{\frac{X_{ik}}{X_k}}{\frac{X_i}{X_w}} \quad (2)$$

No qual, X_{ik} representa o valor das exportações do produto i pelo país k ; X_k corresponde ao valor das exportações totais do país k ; X_i , o valor das exportações mundiais do produto i ; e X_w , o valor das exportações totais mundiais w . Quanto aos resultados, tem-se o seguinte parâmetro: $IVCR > 1$ significa que o país possui vantagem comparativa revelada para as exportações do produto i , já $IVCR < 1$ indica que o país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações do produto i .

Índice de Contribuição ao Saldo (ICS)

Atentando-se para o IVCR, descrito anteriormente, percebe-se que não há referência aos fluxos de importações. Desse modo, o Índice de Contribuição ao Saldo, proposto por Lafay (1990), baseia-se nos saldos comerciais e não somente em fluxos de exportações. A Equação (3) apresenta a fórmula do Índice de Contribuição ao Saldo.

$$ICS_{ij} = \frac{1000}{PIB_j} * \left\{ (X_{ij} - M_{ij}) - \left[(X_j - M_j) \frac{(X_{ij} + M_{ij})}{(X_j + M_j)} \right] \right\} \quad (3)$$

Em que, X_{ij} representa as exportações do produto i , pelo país j ; X_j , as exportações totais do país j ; M_{ij} , as importações do produto i , pelo país j ; M_j , as importações totais do país j . PIB é o Produto Interno Bruto do país. O ICS pode obter dois resultados distintos; caso seja maior que zero, o produto analisado possui vantagem comparativa revelada; caso contrário, o produto analisado possui desvantagem comparativa revelada.

Fonte de dados e período de análise

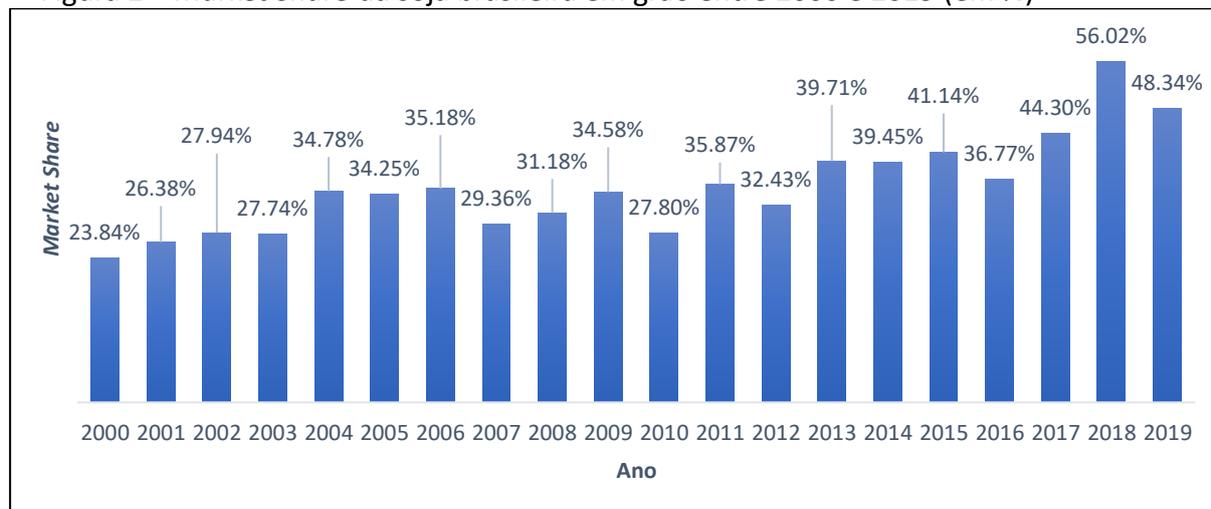
Os dados foram coletados no banco de dados UNComtrade (*United Nations International Trade Statistics Database* – Banco de Dados de Estatísticas do Comércio Internacional das Nações Unidas), e a soja foi identificada pelo SITC (*Standard International Trade Classification*) 2222 – Rev 3. Considerou-se apenas o produto em grão em detrimento dos subprodutos farelo e óleo. Com relação às exportações totais, utilizou-se a classificação *Total of all SITC Rev.3 Commodities*. Todos os dados são referentes a valores monetários de importações e exportações do Brasil e do mundo, sempre expressos em dólares americanos (US\$). Com referência ao PIB, os valores foram retirados do *World Bank* já convertidos em dólares. Ao obtê-los, fez-se uso do programa Microsoft® Excel, para fins de organização e cálculo. O período de análise se restringe aos anos 2000 a 2019.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A aplicação do *Market Share* com os respectivos resultados em porcentagem para as

exportações de soja em grão brasileira, entre 2000 e 2019, está na Fig. (2).

Figura 2 – *Market Share* da soja brasileira em grão entre 2000 e 2019 (em %)



Fonte: Elaborado pela autora com os dados do UNComtrade (2020)

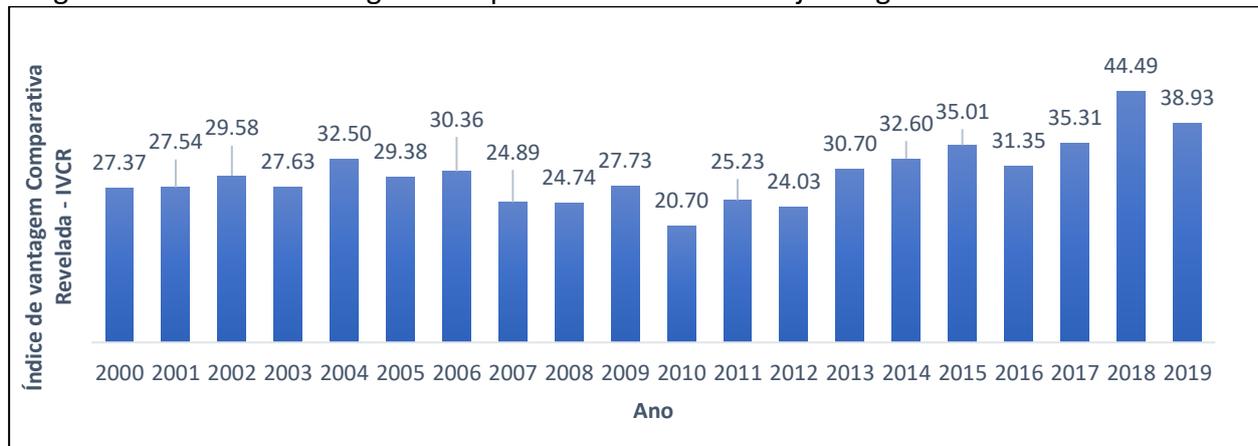
Cabe ressaltar que os preços mundiais são influenciados diretamente pela produção dos EUA, Brasil e Argentina. Paralelamente, o expressivo consumo chinês, a sua política agrícola e o clima dos países produtores também impactam na Bolsa de Chicago, que é a principal fonte de formação de preços da soja em nível mundial (Coelho, 2017). Apesar das oscilações, constatou-se um *Market Share* médio, 35,4%, ao longo do período. Em 2010, por exemplo, a cotação dos preços da soja caiu, devido às especulações de uma oferta maior, principalmente dos EUA, em decorrência das chuvas, aliadas à baixa demanda, reflexo da crise de 2008. No entanto, no período como um todo, o Brasil ganhou dinamismo no mercado de soja em grão, e a taxa média de crescimento atingiu 3,5% ao ano duplicando sua parcela de participação, partindo de 23,84%, no ano 2000, para 48,34% em 2019.

Inevitavelmente, no ano safra 2017/2018, o desempenho competitivo foi surpreendente. A guerra comercial instaurada entre EUA e China, nesse mesmo ano, que se resumiu em sobretaxar os produtos importados desses dois países, incluindo os embarques de soja, aumentou consideravelmente o volume exportado do Brasil para o mundo. Essa exportação partiu de 68,2 milhões de toneladas da safra anterior e chegou a 83,6 milhões de toneladas em 2018. Esse salto foi impulsionado pela demanda da China, cuja participação nesse montante foi de 82,2%, refletindo no *Market Share* do Brasil apontado em 56%. Em 2019, o retrocesso verificado pode ter sido influenciado pelo recuo de 3% da colheita em relação ao ano anterior, causado pelo verão ameno que prejudicou o enchimento dos grãos (CONAB, 2020). Mesmo o Brasil tendo permanecido à frente dos EUA, o volume total exportado foi menor, e a receita obtida teve uma queda de 21% (UNComtrade, 2020).

Verificou-se que alguns fatores como a ampliação do comércio mundial; o aquecimento de alguns mercados importadores, tal como ocorreu com a China – dos 26,1 bilhões de dólares das receitas sobre as exportações brasileiras, no ano de 2019, mais de 78% veio do mercado importador chinês –; e a própria competitividade entre os concorrentes explicam o crescimento das exportações. Visando aprofundar a avaliação do desempenho competitivo das exportações de soja sob uma perspectiva de exportações totais mundiais, calculou-se o IVCR, cujo resultado possibilita analisar o comportamento dessa oleaginosa entre todos os produtos exportados no mundo. A Figura 3 intitulada Índice de Vantagem

Comparativa Revelada traz os resultados obtidos, entre 2000 e 2019.

Figura 3 – Índice de Vantagem Comparativa Revelada da soja em grão brasileira.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados da pesquisa (2020)

O cálculo do IVCR, conforme descrito anteriormente, permite confirmar se há vantagem comparativa de um produto em termos de exportações mundiais para um determinado país quando se obtêm valores acima da unidade. Dessa forma, percebeu-se que os resultados obtidos em todo o período analisado foram consideravelmente maiores que um, considerando que em média o valor do índice foi de 30, apreende-se, portanto, a obtenção de uma vantagem 30 vezes superior ao parâmetro do índice, o que legitima a competitividade da soja em grão, apoiando o alcance do *Market Share* calculado. Sendo assim, evidencia-se uma tendência à especialização do Brasil nesse mercado.

De fato, os preços da commodity praticados após a entrada da China na OMC aumentaram mais que os dos produtos de maior valor agregado. Nota-se, portanto, que a especialização do Brasil no mercado internacional de soja em grão corroborou para a obtenção de vantagens comparativas. Tendo em vista a não abrangência dos fluxos de importação pelo IVCR, buscou-se complementar a investigação das vantagens relativas sob essa ótica. Para isso, utilizou-se o Índice de Contribuição ao Saldo, que consiste numa ponderação do índice do PIB, da mesma maneira que também se avalia a competitividade *ex-post* (tempo decorrido).

Desse modo, a Figura 4 apresenta os valores da série, de 2000 a 2019, do Índice de Contribuição ao Saldo das Exportações de Soja em Grão.

Figura 4 – Índice de contribuição ao saldo comercial entre 2000 e 2019.



Fonte: Elaborado pela autora com os dados da pesquisa (2020)

Infere-se, portanto, a partir da observação gráfica, que os valores do ICS das exportações de soja em grão se mostraram positivos – bem maiores que zero –, acompanhando a tendência de crescimento estabelecida pelo IVCR. Sendo assim, o ICS corrobora com os resultados do IVCR, demonstrando a importância desse produto no saldo do balanço comercial brasileiro, da mesma forma que o Brasil está se tornando mais eficiente, aumentando as exportações dessa oleaginosa.

Com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) do Ministério da Economia (ME), a Conab (2019) constatou que no ano de 2018 as exportações brasileiras somaram 239,26 bilhões de dólares, ao passo que o complexo soja (soja em grãos, farelo de soja e óleo de soja) foi responsável por 40,6 bilhões de dólares, ou seja, 16,9% de todas as exportações nacionais, constituindo o produto de maior importância na balança comercial brasileira naquele ano.

Tais constatações são ainda mais reforçadas a partir de alguns levantamentos, como o divulgado pela FIESP (2020), com base nos dados do USDA, que estimam para a colheita mundial de soja em 2020/2021 um volume de 362,5 milhões de toneladas – em 2019/2020, esse volume foi de 337,3 milhões –, com perspectivas de embarques recordes, liderados pelo Brasil, da mesma forma que se prevê uma variação positiva de 4,8% no consumo mundial, motivado principalmente pela China.

CONCLUSÕES

Este estudo avaliou a competitividade das exportações de soja em grão do Brasil, entre os anos 2000 e 2019. Os resultados do *Market Share*, do Índice de Vantagens Comparativas Reveladas (IVCR) e do Índice de Contribuição ao Saldo (ICS) mostraram que houve um crescimento das exportações do produto no período estudado, o que confirma seu destaque no mercado internacional. Fica clara também a importância dessas exportações para o saldo comercial brasileiro.

O incremento de 11,6 para 74,9 milhões de toneladas no volume nacional exportado, no período estudado, coloca o país como um dos principais exportadores mundiais. O desempenho das exportações brasileiras se deve, em grande parte, ao crescimento da demanda internacional e à parceria comercial com a China.

Diante dos resultados apresentados neste trabalho e da expectativa em relação ao consumo mundial futuro de soja, farelo e óleo, sugere-se o estudo dos fatores condicionantes da competitividade ou eficiência da soja brasileira. Essa análise poderá servir de instrumento para o entendimento do sistema agroindustrial, assim como dos relevantes aspectos relacionados à sustentabilidade do Brasil como principal player do mercado global de soja.

A competitividade revelada deve ser investigada em termos microeconômicos para nortear políticas de sustentabilidade da posição de destaque do Brasil na comercialização de soja.

REFERÊNCIAS

ABRACOMEX - **Associação Brasileira de Consultoria e Assessoria em Comércio Exterior. Disponível em:** <https://www.abracomex.org/soja-e-o-item-mais-exportado-pelo-brasil-voce-sabe-o-que-isso-significa#:~:text=A%20soja%20ser%C3%A1%20o%20item,de%20vendas%20internacionais%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 15 out. 2020.

BALASSA, B. **Trade liberalization and ‘revealed’ comparative advantage.** The Manchester School. 1965.

CALDARELLI, C. E.; CAMARA, M. R. G.; SEREIA, V. J.; **O complexo agroindustrial da soja no Brasil e no Paraná: exportações e competitividade no período 1990 a 2007.** 2009.

CÂMARA, G. M. S; **Introdução ao Agronegócio Soja.** 2015.

CEPEA - **PIB Agro, 2000 – 2019.** Disponível em: <https://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx/>. Acesso em: 08 set. 2020.

CESB - **Comitê Estratégico Soja Brasil. Soja Quebrando Recordes. 10 anos de máxima produtividade.** 2018.

COÊLHO, J. D. **Produção de Grãos: feijão, milho e soja,** 2017.

CONAB – **Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos.** Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/serie-historica-das-safras?start=20>. Acesso em: 19 out. 2020.

CONAB – **Fechamento da Safra 2018/2019.** 2019.

CONAB – **Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos. Perspectivas para a Agropecuária Volume 7 – Safra 2019/2020.** Brasília, 2019.

EMBRAPA – **Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária. Série Desafios do Agronegócio Brasileiro.** 2018.

FIESP - Paulo. **Safra Mundial de Soja 2020/21 - 1º Levantamento do USDA.** 2020.

FIGUEIREDO, A. M.; SANTOS, M. L.; LÍRIO, V. S.; **Análise de *market-share* e fontes de variação das exportações brasileiras de soja.** 2004.

FERRAZ, João Carlos; KUPFER, David; HAGUENAUER, Lia. **Made in Brazil: Desafios Competitivos para a Indústria.** Rio de Janeiro: Editora Campus, 1995.

HIRAKURI, M. H.; LAZZAROTTO, J. J. **O agronegócio da soja nos contextos mundial e brasileiro.** 1. ed. Londrina: Embrapa Soja, 2014

JANK, M. S.; NASSAR, A. M.; **Competitividade e Globalização.** São Paulo: Pioneira, 2000.

MAPA – **Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.** Indicadores Gerais Agrostat, 2020.

BRASIL. **Ministério da Economia - Estatísticas de Comércio Exterior em Dados Abertos.** 2020.

MONTOYA, M. A.; BERTUSSI, L. A.; LOPES, R. L., FINAMORE, E. B.; **Uma Nota Sobre Consumo Energético, Emissões, Renda e Emprego na Cadeia de Soja no Brasil.** Rio de Janeiro, 2019.

TYSZYNSKI, H. **World trade in manufactured commodities, 1899-1950.** The Manchester School, v. 19, ed. 3. 1951

UNComtrade. **United Nations Trade Statistics Database.** Recuperado de <https://comtrade.un.org/data/>. Acesso em: 21 abril 2020.

USDA. **United States Department of Agriculture. Soybeans World Supply and Distribution.** Disponível em: <https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html#/app/downloads>. Acesso em 15 maio 2020.